

A documentação de medicina medieval nas bases de dados

Raissa Rocha Bombini

Resumo

A pesquisa em história da medicina voltada ao medievo apresenta diversas dificuldades quanto ao trabalho com a documentação. Apesar do grande movimento de digitalização de documentos e livros das últimas décadas ter contribuído com aqueles que se dedicam a esse campo de estudo, a organização do conhecimento na Idade Média e a forma como essa não se traduz nas catalogações em bases digitais dificulta a pesquisa científica. Por isso, durante o Minicurso “A organização do conhecimento e o trabalho com a documentação em história da medicina” apresentado na VIII Jornada de História da Ciência e Ensino e no II Congresso Internacional de História da Ciência e Ensino, foram apresentadas as dificuldades que o historiador da ciência encontra ao pesquisar a medicina medieval e foram propostos alguns meios de facilitar que os estudos aconteçam, principalmente por intermédio das Humanidades Digitais, o que será resumidamente apresentado neste artigo.

Palavras-chave: História da Ciência, Medicina medieval, documentação, catalogação, bases de dados.

Abstract

Research in the field of history of medicine in the Middle Ages presents several difficulties regarding the work with documentation. Although the great movement of digitization of documents and books in the last decades has contributed to those who dedicate themselves to this field of study, the organization of knowledge in the Middle Ages and incompleteness in cataloging in digital bases makes scientific research difficult. During the mini course “The organization of knowledge and the work with documentation in the history of medicine” presented at the VIII Jornada de História da Ciência e Ensino and II Congresso Internacional de História da Ciência e Ensino, the difficulties that historians of science find when researching medieval medicine and some ways to facilitate the studies were proposed, mainly through the Digital Humanities. This discussion will be briefly presented in this article.

Keywords: History of Science, Medieval Medicine, documentation, indexing, database.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento do Minicurso “A organização do conhecimento e o trabalho com a documentação em história da medicina” apresentado durante a VIII Jornada de História da Ciência e Ensino e o II Congresso Internacional de História da Ciência e Ensino, que ocorreram conjuntamente em novembro de 2021.

O minicurso teve como principal objetivo ensinar os meios de busca à documentação de história da medicina em relação aos locais em que esta estaria possivelmente armazenada, como bibliotecas físicas e digitais. Partiu-se do princípio de que a localização e a forma de busca de um documento, antigo ou contemporâneo, eram fatores que afligem os pesquisadores e que, portanto, seria essencial pensar em meios de se definir e buscar um corpus documental. O minicurso foi dividido em seções; a primeira tratou sobre a digitalização documental, visando a trazer luz aos pesquisadores contemporâneos sobre a vasta variedade de bibliotecas virtuais que fornecem pleno acesso aos livros e ao acervo documental (do microfilme ao PDF); a segunda sessão abordou o tema da biblioteca tradicional e a coexistência com as

modernas bibliotecas digitais, demonstrando a necessidade de se conhecer cada uma delas, a historiografia e a forma de uso de ambas; a terceira sessão, a partir da qual este artigo ganhou vida, trouxe ao debate os tratados médicos em manuscritos medievais. Mais especificamente, foram traçados os principais pontos na busca desses documentos de difícil acesso, geralmente guardados em arquivos internacionais, mas muitos dos quais já se encontram na forma digital, também atentando-se à organização do conhecimento na Idade Média e à forma de se trabalhar com a literatura médica em latim; a quarta sessão abordou a relação entre a medicina e a antropologia, da organização do conhecimento ao acesso à documentação histórica a partir das multifacetadas relações histórico-epistemológicas entre os campos da medicina e da antropologia, entre os séculos XVIII e XIX. Mostrou também quais obstáculos o pesquisador enfrenta no rastreamento da correta documentação e quais problemáticas permeiam entre a medicina e a antropologia; por fim, a última sessão apresentou sobre a medicina legal e a criminalística, os problemas de ordem documental, sua escassez, além do enfrentamento jurídico para o livre acesso de documentos restritos e/ou sigilosos.

A partir de todas as riquíssimas discussões que ocorreram no Minicurso, foi possível expandir a temática da documentação medieval, focando nas seguintes questões: como e onde pesquisar tal documentação? Ou, ainda, como estudar e compreendê-la? Quais as dificuldades que a pesquisa encontra, com relação à organização do conhecimento tanto no medievo quanto nos fundos digitais? Obviamente, não é possível responder todas estas indagações em um artigo, mas algumas sugestões serão feitas a fim de ajudar outros pesquisadores.

Para tal, utilizaremos o fundamento da interligação de três esferas de estudos, que são a forma de análise proposta pela equipe de pesquisadores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência e do CESIMA, PUC-SP. Segundo essa forma de análise, as três esferas se dividem da seguinte forma: uma primeira diz respeito à análise epistêmica interna aos documentos referidos, considerando-se o assunto sob análise. Uma segunda esfera envolve os condicionamentos históricos e sociais que circundam o corpo documental. Nesse sentido, os documentos são estudados em termos de produção de uma época. Por fim, uma terceira seria a abordagem historiográfica utilizada no estudo, correspondente aos trabalhos realizados por outros especialistas, prévios ou contemporâneos.¹

A busca pela documentação de medicina medieval e a sua utilização na pesquisa científica encontram-se interligadas às três esferas. O trabalho propriamente epistêmico envolve a análise de tais documentos, que são estudados tanto em sua coerência e consistência internas, quanto em seu significado como sínteses particulares de ideias prévias e contemporâneas a eles. Para que essas análises sejam feitas, deve-se, previamente, definir: O que vou estudar ou pesquisar? Algumas, entre inúmeras possibilidades,

¹ Ana M. Alfonso-Goldfarb, "Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência," *Circumscribere* 4 (2008): 7-9; Márcia H. M. Ferraz, Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Silvia Waisse, "Reflexões sobre a Constituição de um Corpo Documental para a História da Ciência: Um Estudo de Caso do Brasil Colônia e Brasil Reino," *Acervo* 26, nº 1 (2013): 44-45.

são: antídotos, medicina das doenças femininas, a influência de Galeno na medicina escolástica², a medicina da Peste Negra, o uso de ervas em medicamentos, a relação da medicina com a astrologia, as obras de cirurgia, a influência árabe na medicina ou os tratados sobre as febres. Para cada um desses tópicos, o pesquisador deve reunir uma gama de textos, obras, comentários, imagens e manuscritos que possam ser interessantes para sua investigação. Exemplificando, poderá encontrar diversos tratados médicos do século VII ao XV, herbários, lapidários, obras enciclopédicas, comentários sobre obras antigas, traduções de estudos árabes, entre outras possibilidades de materiais, que serviram de consulta para os médicos e estudiosos do medievo. Assim, uma rede documental se abre, com relações intertextuais e extratextuais, de forma que o historiador da ciência vai criando, finalmente, seu corpus documental para realizar a análise epistemológica.

Contemplada esta esfera da pesquisa, devemos nos atentar também à esfera contextual, e responder outras perguntas, tal como: Qual medicina é essa que estou abordando, isto é, de qual período? Lembrando aqui que há uma grande diferença entre a medicina praticada em mosteiros na Alta Idade Média e a praticada em universidades ao final do medievo, geralmente considerada escolástica. Portanto, é fundamental determinarmos quais as características da medicina do período do documento e como a medicina desse período influenciou a construção deste documento.

Não podemos deixar de mencionar aqui a terceira esfera, historiográfica, e a importância de se conhecer aquilo que já foi pesquisado sobre os documentos escolhidos, ou sobre o tema abordado em geral. Veremos que algumas grandes bibliotecas digitais, tal como a British Library, muitas vezes contribuem com essa parte da pesquisa do historiador da ciência, apresentando uma bibliografia já existente sobre o manuscrito ou o tratado de interesse. Porém, ainda que esta bibliografia esteja disponível, cabe ao pesquisador completar o trabalho historiográfico e as análises críticas sobre os argumentos de outros estudiosos.

Sabendo-se da importância que o corpus documental tem para as perguntas que compõem uma pesquisa e para o desenvolvimento das análises propostas, direcionamos o artigo à apresentação de alguns pontos essenciais que devem ser levados em consideração no trabalho com a documentação de medicina medieval. As dificuldades aqui relatadas foram abordadas no Minicurso “A organização do conhecimento e o trabalho com a documentação em história da medicina”, e tratam da organização do conhecimento no

² Medicina praticada, principalmente, nas universidades por homens letrados que se distinguiam do médico prático e empírico da Alta Idade Média. A medicina escolástica era, em sua formação, muito mais teórica, baseando-se em autoridades, tal como Galeno, Hipócrates, Avicena etc. O termo “escolástica” faz referência a uma configuração institucional, a um estilo de ensino e a uma forma própria de se produzir conhecimento nos meios eruditos que esteve fortemente presente entre os séculos XIII e XIV.

medieval e como esta é difícil e precariamente transportada para as bases digitais, as quais, ainda assim, são essenciais ao historiador da ciência.

A MEDICINA EM UM EMARANHADO DE SABERES

A busca pelos documentos de história da medicina nas bases de dados deve sempre levar em consideração que os saberes medievais, apesar de terem sido classificados e divididos em diferentes artes e disciplinas filosóficas³, estavam amplamente interligados, e que isso dificilmente estará reproduzido na catalogação, seja ela física ou digital.

Portanto, não buscamos aqui identificar ou desenhar um mapa da organização do conhecimento no medieval, apontando o lugar da medicina neste, mas sim, mostrar as relações intrínsecas entre os saberes, provando, assim, que a medicina não era uma área isolada. As fronteiras e as relações entre as disciplinas e artes medievais que lidam com o mundo natural eram muito mais fluidas e diversas. Nesse sentido, os conhecimentos médicos se encontram em um emaranhado de saberes que se costuram com muitas articulações, marcadas pelo papel da lógica, da iatromagia, da magia natural e astral, da astrologia (e astronomia), das crenças populares e de tantos outros conhecimentos, trazendo grande complexidade aos estudos. Por esse motivo, podemos encontrar tratados médicos ou textos sobre prevenção e cura de doenças em muitos tipos de manuscritos, em diferentes classificações, informações de metadado e descrições em catálogos, o que dificulta a pesquisa para olhares desatentos.

Para exemplificarmos como muitos textos, tratados e obras que, à princípio, estariam classificados como 'astrologia', 'botânica', 'mineralogia', ou, até mesmo, 'magia', 'ocultismo' e 'esoterismo', faziam parte ou desempenhavam um papel fundamental também na medicina, levando em consideração esta interligação entre as áreas do conhecimento, utilizaremos um breve estudo de caso do manuscrito (MS) Rawlinson A. 273⁴.

O MS Rawlinson A. 273 é um documento do tipo códex ou códice⁵, anônimo e escrito majoritariamente em latim. Contém, ao todo, 145 fólios, que correspondem a uma coletânea de 84 textos,

³ Sobre esse assunto, vide, por exemplo, David C. Lindberg, *Science in the Middle Ages* (Chicago e London: The University of Chicago Press, 1978), 120-144; Charles Burnett, "Talismans: Magic as Science? Necromancy among the Seven Liberal Arts," in *Magic and Divination in the Middle Ages: Texts and Techniques in the Islamic and Christian Worlds*, org. Charles Burnett, 1-15 (Norfolk: Variorum, 1996). Charles Burnett, "Adelard, Ergaphalau and the Science of the Stars" in *Magic and Divination in the Middle Ages: Texts and Techniques in the Islamic and Christian Worlds*, org. Charles Burnett, 133-145 (Norfolk: Variorum, 1996).

⁴ A catalogue of Western manuscripts at the Bodleian Libraries and selected Oxford colleges, "MS. Rawl. A. 273," *Medieval Manuscripts in Oxford Libraries*, https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_7901.

⁵ O *códex* ou *códice* é um artefato que consiste em uma sequência de fólios agrupados, sobrepostos e costurados, geralmente contendo uma quantidade de textos. Esses textos podem ser um compilado de um ou diversos autores, girando em torno de um mesmo tema ou não.

entre muitas cartas, poemas, e tratados, alguns dois quais com grande valor para estudos médicos⁶. Tudo indica que o manuscrito tenha sido feito no terceiro quarto do século XIV,⁷ na Inglaterra, período de grande emergência e novidade para a medicina, por razão das sucessivas ondas de Peste Negra. Atualmente, o manuscrito se encontra na Bodleian Library, em Oxford, na Inglaterra, dentro da coleção de Manuscritos Rawlinson A-B⁸.

Um olhar mais superficial e descuidado não identificaria qualquer sinal de que a medicina está presente em seus fólios, aparentando ser esse manuscrito um compilado de textos, que até mesmo passaria uma certa ideia de aleatoriedade. Contudo, uma vez que nos debruçamos sobre os tratados e estudamos mais a fundo o conteúdo, constatamos que há uma relação com a medicina e os acontecimentos do período em que foi produzido.

O MS Rawlinson A. 273 está catalogado na base de dados da Bodleian Library da seguinte maneira:

Citações. MS. Rawl. A. 273

Resumo Catálogo nº: 11159

Conteúdo

1. Ps.-Aristóteles, *Secreta secretorum* - Idioma(s): Latim

2. Ps.-Aristóteles, *De pomo* - Idioma(s): Latim

3. *Historia de proeliis Alexandri magni* - Idioma(s): Latim

4. *Lapidário* - Idioma(s): Latim

5. *Textos sobre filosofia natural* - Idioma(s): Latim

6. *Textos teológicos e religiosos* - Idioma(s): Latim

7. *Provérbios* - Idioma(s): latim, francês e inglês

8. *Orações* - Idioma(s): Latim

9. *Cartas e cartas de papas, reis da Inglaterra e bispos ingleses, c. 1253–1346* - Idioma(s): latim e francês

10. *Cartas* - Idioma(s): Latim

Origem: século XIV, segunda metade; inglês.⁹

⁶ A lista dos itens pode ser conferida em: Richard Rawlinson, *Catalogi Codicum Manuscriptorum Bibliothecae Bodleianae Partis Quintae Fasciculus Primus* (Oxford: Typographeo Academico, 1862), 287-292.

⁷ Chegamos a essa conclusão graças à presença de datas e eventos que ocorreram na primeira metade do século XIV mencionadas no manuscrito.

⁸ Piero Andrea Martina, "Oxford, Bodleian Library, Rawlinson A. 0273," Jonas-IRHT/CNRS (Répertoire des textes et des manuscrits médiévaux d'oc et d'oïl). <http://jonas.irht.cnrs.fr/manuscrit/75972>.

⁹ A catalogue of Western manuscripts at the Bodleian Libraries and selected Oxford colleges, "MS. Rawl. A. 273," *Medieval Manuscripts in Oxford Libraries*, https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_7901.

Como pode-se ver, não há nenhuma indicação de ‘medicina’ ou algo similar na catalogação da Bodleian Library¹⁰. Seria necessário ao pesquisador consultar o catálogo físico, intitulado *Catalogi codicum mancriptorum bibliothecae bodleianae partis quintae fasciculus primus*, para obter ao menos a informação de que há um tratado intitulado "Medicinae parvae" no fólio 98 do manuscrito¹¹, algo como “pequeno ou simples remédio”, que traz a confecção de um pomo odorífero para ser carregado na mão.¹² Contudo, este não é o único texto que podemos destacar.

Os dois primeiros tratados do manuscrito são pseudo-aristotélicos¹³, acompanhados de um terceiro texto que também se liga à figura do filósofo. São eles: Os segredos de Aristóteles (*Secreta Aristotelis*)¹⁴, O Livro da Maçã de Aristóteles (*Aristotelis liber de pomo*)¹⁵ e O lamento dos filósofos sobre a morte de Aristóteles (*Planctus philosophorum de morte Aristotelis*)¹⁶.

No *Secreta Aristotelis* do MS Rawlinson A. 273 não estão copiados todos os libelli que deveriam compor a obra, mas há muitos textos médicos, tais como “Para a conservação da saúde e a norma para viver”; “Sobre a cabeça ruim e seu remédio”; “Sobre o peito ruim e seu remédio”; “Sobre a doença dos olhos e seu remédio”; “Sobre a genitália ruim e seu remédio”; “Sobre o que deve ser preservado da saúde”, entre outros.¹⁷

Também ao final deste tratado estão cinco textos médicos para diferentes condições do corpo, respectivamente: *A quarta medicina*, com receita de um medicamento para cuidar de enfermidades no peito e no pulmão; *A quinta medicina*, com receita de um medicamento para expelir melancolia, que diminuiria a fleuma e a umidade excessivas, repararia o estômago e retiraria os ventos (*ventositates*) do corpo; *A sexta medicina*, com uma receita de um medicamento para reparar e melhorar a respiração, reparar o estômago e curar a dor nos rins; *A sétima medicina*, com uma receita de um medicamento para reparar o estômago e afastar a matéria ventosa do corpo; e *A oitava medicina*, com duas receitas de medicamentos, para curar ou corrigir o fígado e fortificar o coração, combater a melancolia, a fleuma, a cólera, o calor dos rins, inflamações, entre outras qualidades.¹⁸

Aqui, portanto, já se encontra uma relação clara entre a medicina e a literatura dos segredos¹⁹, mas esta não é a única. A última receita traz entre seus ingredientes o âmbar-cinza, pérolas trituradas, uma argila

¹⁰ Ibid.

¹¹ Richard Rawlinson, *Catalogi Codicum Mancriptorum Bibliothecae Bodleianae Partis Quintae Fasciculus Primus* (Oxford: Typographeo Academico, 1862), 289.

¹² MS. Rawl. A. 273, fl. 98r.

¹³ Os textos pseudo-aristotélicos eram tratados de autores que associaram suas obras ao filósofo grego Aristóteles, ou cujos trabalhos foram associados a ele por outros. Vale ressaltar que, na época, acreditavam tratar-se de um texto autêntico de Aristóteles.

¹⁴ MS. Rawl. A. 273, fls. 1r-27r.

¹⁵ Ibid., fls. 27v-31r.

¹⁶ Ibid., fl. 31r.

¹⁷ Ibid., fls. 1v-2r.

¹⁸ Ibid., fls. 26r, 26v e 27r.

¹⁹ Sobre esse assunto, recomendamos o artigo Ana M. Alfonso-Goldfarb, “Uma Suposta Contradição na Ciência Inglesa do Século XVII: Divulgação x Sigilo,” *Discurso* 21 (2000): 347-364.

de esmeralda²⁰ e pedras vermelhas, azuis e amarelas em pó, sem maiores especificações.²¹ A presença destas gemas no tratamento médico proposto se liga diretamente com o lapidário presente no mesmo manuscrito, intitulado *Liber Lapidum* ou, em tradução, *Livro das Pedras* (fls. 64v - 68v).

O *Liber Lapidum* é composto por duas partes ou duas tradições literárias diferentes. A primeira parte, compreendida entre os fólhos 64v e 67v, pertence à tradição de lapidários que foram chamados na historiografia de “científicos”²² ou “médicos”²³, derivados de Teofrasto, Dioscórides, Damigeron, entre outros. Nesse tipo de lapidário, as pedras compiladas são listadas junto a descrições de suas origens, suas características físicas e suas propriedades mágico-médicas, dentre as quais estão: aplacar dores em partes específicas do corpo, como dor de cabeça e de estômago; expelir venenos; tirar a febre; afastar visões fantásticas; afastar doenças; tornar alguém amável; tornar alguém eloquente; curar os insanos; ajudar o parto e proteger as mulheres grávidas.²⁴

A segunda parte do *Liber Lapidum*, compreendida entre os fólhos 67v e 68v, é introduzida pelo subtítulo “Tratado sobre os entalhes de pedras preciosas”²⁵. Nesta, apresentam-se as qualidades mágicas e mágico-médicas de 28 pedras entalhadas com determinados desenhos, as quais receberiam suas virtudes e qualidades em sua relação com os corpos celestes. Os entalhes, por sua vez, são de constelações e outras figuras astrológicas, tais como o centauro, o escorpião, gêmeos, o deus Júpiter etc.²⁶

Se o tratado *Liber Lapidum* do MS Rawlinson A. 273 por si só já encerra uma forte inter-relação entre os saberes sobre as pedras, sobre astrologia e sobre medicina, quando compreendido a partir de sua correspondência com outros tratados, como o *Secreta Aristotelis* supracitado, essas conexões se tornam ainda mais fortes e complexas, abrindo novos caminhos para o emaranhado de conhecimentos medievais.

As bases de dados muitas vezes também não mencionam cópias existentes de tratados, que são de extrema importância para estudos paleográficos, comparativos e o desenvolvimento de diversas análises. Exemplificando, a primeira parte do *Liber Lapidum* pode ser encontrada em duas cópias italianas conhecidas, presentes em dois manuscritos na Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek): os MSS latinos 407 e 2301, ambos do século XIV, nos fols. 145v.-147v. e 81r-v, respectivamente. O MS latino 2301 apresenta algumas obras de medicina, como um tratado intitulado

²⁰ “De luto smaragdini,” MS. Rawl. A. 273, fl. 26v.

²¹ Ibid.

²² Mesmo trazendo, contraditoriamente, propriedades mágicas, os lapidários “científicos” referem-se aos que trariam um racional teórico. Vide George Sarton, *Ancient Science Through the Golden Age of Greece* (New York: Dover, 1993), 560-561.

²³ Vide, por exemplo, John M. Riddle, “Lithotherapy in the Middle Ages... Lapidaries Considered as Medical Texts,” *Pharmacy in History* 12, nº 2 (1970): 39; Joan Evans, *Magical Jewels of the Middle Ages and the Renaissance, Particularly in England* (Oxford: Clarendon Press, 1922), 17 e 38.

²⁴ MS. Rawl. A. 273, fls. 64v-68v.

²⁵ “Tractatus de sculpturis preciosorum lapidum,” MS. Rawl. A. 273, fl. 67v.

²⁶ Katelyn Mesler, “The Medieval Lapidary of Techel/Azareus on Engraved Stones and Its Jewish Appropriations,” *Aleph* 14, nº 2 (2014): 76.

*Cirurgia magistri bruni*²⁷ e outro²⁸ atribuído a Albucasis, também de cirurgia. Ademais, contém iluminuras que mostram os instrumentos cirúrgicos e, ao que tudo indica, os médicos autores das obras ali copiadas. A presença do lapidário em meio às obras médicas reforça a relação entre a medicina e os conhecimentos sobre as gemas.

Podemos ainda relatar que nos fólios seguintes ao lapidário *Liber Lapidum* encontram-se textos de conhecimentos astrológicos, alquímicos, médico e filosóficos, que se ligam pela medicina e pelos estudos celestes ao lapidário²⁹. Esse segundo bloco contém um pequeno tratado sobre as atividades que deveriam ser feitas ou evitadas conforme a posição da lua na casa de cada signo, intitulado *Todos os signos da lua por ano (Omnia signa lunae per annum)*³⁰. Em seu conteúdo, busca-se determinar quando uma pessoa deveria tomar remédios, entrar em banhos e ter relações sexuais, atividades que compunham os regimes de prevenção e cura comuns em tratados médicos.³¹

O MS Rawlinson A. 273 é apenas um exemplo, entre milhares, de como a complexidade dos saberes medievais se apresenta na tradição literária. Para entender a medicina da segunda metade do século XIV, foi necessário escavar o conteúdo do material de análise, buscar relações com outros documentos, entender a lógica entre os textos do manuscrito e, principalmente, entendê-lo a partir de sua relação com o período em que foi produzido. No caso do MS Rawlinson A. 273, o período em que a Peste Negra assombrava a Europa e os médicos buscavam meios de detê-la. Os textos presentes no manuscrito se ligam diretamente, por diversos modos, à medicina que respondia à pandemia.

Contudo, como observado anteriormente, toda esta complexidade não estava presente da catalogação do manuscrito na base de dados da Bodleian Library, nem superficialmente. O emaranhado de conhecimentos medievais dificilmente se exprime nos metadados encontrados nas bibliotecas e arquivos digitais, o que acrescenta uma segunda dificuldade à pesquisa do historiador da ciência. Como encontrar os documentos necessários?

O PROBLEMA COM A PESQUISA EM BASES DIGITAIS

²⁷ MS. ÖNB latin. 2301, fls. 1r-30r.

²⁸ Ibid., fls. 87r-130r.

²⁹ Estes conhecimentos compõem a hermética. Sobre esse assunto, vide Ana M. Alfonso-Goldfarb, *Livro do Tesouro de Alexandre: Um Estudo da Hermética Árabe na Oficina da História da Ciência* (Petrópolis: Vozes, 1999), 43-90.

³⁰ MS. Rawl. A. 273, fls. 68v-69v.

³¹ Ibid., fls. 68v-69r.

Tendo em mente o emaranhado de saberes em que a medicina medieval se encontra, podemos passar à segunda dificuldade da pesquisa científica, que é como transportar isso para a busca por documentos em bases de dados digitais.

Conforme nos mostram diversos autores³², a infinidade de novos arquivos que surgiram desde o final do século XIX, sejam na forma de artigos, livros, textos ou *data*, uma vez digitalizados pelas bases de dados online, impuseram que um esforço intelectual genuíno fosse feito em relação às práticas profissionais, aos padrões de pesquisa rigorosos e às explorações teóricas³³. Esse esforço se deu, especialmente, no fornecimento de informações em acervos de bibliotecas e na estruturação de catálogos e indexes a partir dos bancos de dados construídos com a incorporação dos novos materiais³⁴.

A catalogação e a classificação são processos essenciais em bibliotecas digitais assim como sempre foram em bibliotecas físicas. Os primeiros catálogos online eram muito semelhantes em estrutura e função ao antigo sistema de catálogo de cartões ou catálogo de fichas, oferecendo apenas um único modo de interação com o sistema e pouca assistência ao usuário online³⁵. Esses catálogos foram sendo aprimorados por meio de palavras-chave, de busca booleana, de navegação em linguagem natural, de múltiplas abordagens na estratégia de busca etc, tornando-se ferramentas mais completas e acessíveis aos pesquisadores para qualquer tipo de busca documental.

Atualmente, os elementos descritos num registro bibliográfico de um catálogo são delimitados temporal, teórica, disciplinar e socialmente, dando-se grande importância, por exemplo, à autoria, à data, ao local de publicação e à editora, principalmente em obras impressas. Em obras manuscritas, o trabalho torna-se ainda mais difícil de ser realizado, dependendo do trabalho auxiliar de codicologistas, paleógrafos e musicólogos. Tais entradas ou declarações (autor, data, editora etc, os chamados dados de *authority*) possibilitam, especialmente em catálogos online modernos, que relações associativas entre diferentes materiais e diferentes interfaces sejam realizadas.³⁶

Outro ponto a ser notado é a importância dos metadados – a descrição de todos os tipos de recursos de informação, ou seja, a informação sobre a informação – para a organização do conhecimento nos fundos digitais e para a pesquisa científica a partir daí. Os metadados, parte fundamental das bibliotecas digitais, devem permitir que um recurso (um livro, um texto, um artigo etc) seja descoberto, identificado, distinguido

³² Vide, por exemplo, David M. Berry, ed., *Understanding Digital Humanities* (New York: Palgrave Macmillan, 2012), 3; Carla Bromberg, "History of Science: The Problem of Cataloging, Knowledge Indexing and Information Retrieval in the Digital Space," *Circumscribere* 21 (2018).

³³ David M. Berry, ed., *Understanding Digital Humanities* (New York: Palgrave Macmillan, 2012), 43.

³⁴ Carla Bromberg, "History of Science: The Problem of Cataloging, Knowledge Indexing and Information Retrieval in the Digital Space," *Circumscribere* 21 (2018): 41-55.

³⁵ Charles R. Hildreth, "Beyond Boolean: Designing the Next Generation of Online Catalogs," *Library Trends* 35, nº 4 (1987): 647-667.

³⁶ Carla Bromberg, "History of Science: The Problem of Cataloging, Knowledge Indexing and Information Retrieval in the Digital Space," *Circumscribere* 21 (2018): 46.

de recursos semelhantes e adquirido (como uma cópia). Também devem permitir que todas as versões de uma obra sejam reunidas e comparadas, por exemplo.³⁷

Contudo, ainda que a catalogação conte, atualmente, com diversos novos recursos, citados acima, a organização do conhecimento dentro de uma *database* bibliográfica, continua sendo problemática, principalmente no caso de áreas tão complexas como a história da ciência. Isso porque independentemente do fato de os catálogos nos fornecerem alguns insights sobre documentos, por meio dos registros bibliográficos que supostamente os descrevem, nada neles nos leva a uma interpretação direta dos textos que descrevem. Isso é comentado por Alfonso-Goldfarb, Waisse e Ferraz na seguinte passagem sobre o ambiente digital:

impõe limites ao trabalho de história e suas fontes requeridas, pois a metodologia histórica, por sua própria natureza, tende a se opor ao ambiente digital mecanicista. Os recursos estáveis estudados pelos historiadores são dados idiossincráticos, fenômenos únicos e informações não estruturadas, que são extremamente difíceis de colocar em uma estrutura formal.³⁸

Um problema ainda mais difícil é colocado pela exigência de analisar qualquer texto em seu tempo, espaço e contexto sociocultural específicos, que é uma característica essencial da pesquisa, conforme mencionado anteriormente.

Para estes problemas aqui referidos ainda não há uma solução formada e pronta para ser apresentada. Para tal, as Humanidades Digitais estão em constante discussão, buscando meios de melhorar a busca documental, por exemplo, por meio da mineração de textos (*text mining*), que procura identificar palavras ou frases que explicam possíveis estruturas e relacionamentos subjacentes nos dados descobertos por meio de análise de distribuição, regras de associação ou diferentes abordagens de agrupamento³⁹. A maioria dos sistemas de mineração de texto permitem que documentos sejam pesquisados por seu conteúdo, que expressões ou palavras específicas sejam encontradas no interior de uma obra, que conceitos sejam cruzados e comparados entre autores. Da mesma forma, “que os usuários solicitem todos os documentos que contenham determinados termos ou conceitos, fornecendo a eles um conjunto completo de documentos correspondentes, ainda que com pouca ou nenhuma informação sobre seu conteúdo e estrutura interna”⁴⁰.

³⁷ Ibid., 48.

³⁸ Ana M. Alfonso-Goldfarb, Silvia Waisse, & Márcia H. M. Ferraz, “New Proposals for Organization of Knowledge and their Role in the Development of Databases for History of Science,” *Circumscribere* 21 (2018): 7-8.

³⁹ Ronen Feldman & James Sanger, *The Text Mining Handbook: Advanced Approaches in Analyzing Unstructured Data* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), x.

⁴⁰ Carla Bromberg, “History of Science: The Problem of Cataloging, Knowledge Indexing and Information Retrieval in the Digital Space,” *Circumscribere* 21 (2018): 52.

Por fim, vale apresentarmos aqui alguns exemplos de bases digitais com documentação de medicina medieval, tendo já apresentado a *Bodleian Library*, ressaltando opções de busca para encontrar manuscritos de interesse.

Uma das principais bibliotecas europeias com acervo de manuscritos medievais digitalizados é a *British Library*, fisicamente localizada em Londres, mas amplamente digital. A *British Library* contém inúmeros documentos disponíveis ao público, entre eles 150 manuscritos científicos da coleção Harley e 400 manuscritos da *Polonsky Foundation: England and France Project*, que cuida da digitalização dessa biblioteca e da *Bibliothèque Nationale de France*. A sessão “*Digitised Manuscripts*”⁴¹ contém não apenas manuscritos digitalizados em alta resolução, mas também iluminuras medievais e renascentistas⁴².

Um pesquisador pode buscar, por exemplo, a palavra-chave “*medicine*” (medicina, em inglês), entre os anos 499 e 1499 d.C., o que resultará em, aproximadamente, cem manuscritos para consultar, estudar e analisar, de diversos autores, textos, períodos, locais e temas, entre herbários, compilados de medicamentos, obras enciclopédicas, comentários sobre obras de Galeno e receitas para diversas doenças. Contudo, uma vez que souber quais tipos de obras medievais podem compor seu corpus documental, o pesquisador pode também indicar palavras-chave mais específicas, que ampliarão sua busca. Exemplificando, alguém que busque estudar remédios feitos de ervas, teria de pesquisar compilados de farmacopeia, como são conhecidos. Encontraria, assim, o MS Harley MS 1585, catalogado sob o título “*Compilação farmacopéica ilustrada*” do “3º quartel do século XII”, mas contendo “uma compilação de textos farmacopéicos da antiguidade tardia e do início da Idade Média”. Em sua descrição, está, por exemplo, “ff. 79r-92v: Pseudo-Dioscorides, *Liber medicinae ex herbis femininis*”.⁴³ A catalogação também menciona uma bibliografia que tenha já abordado este tratado e outros textos que compõem o manuscrito, para uma análise mais completa. Vale lembrar que esse conteúdo citado está inteiramente disponível para consulta *on-line* gratuita.

Mais antiga que a *British Library online*, a *Bibliothèque nationale de France* (BnF) contém uma plataforma de fundos digitais que teve seu início ainda em 1992. Com as primeiras digitalizações, abriu em 1997 um primeiro modelo de *website*: a *Gallica*⁴⁴, cuja coleção também é muito importante para a pesquisa de manuscritos medievais, inclusive de medicina. Os materiais são catalogados por data, por autor, por título, por gênero, pelo tipo de escrita, pelo tipo de encadernação e pela decoração ou iluminação⁴⁵.

⁴¹ British Library, “*Digitised Manuscripts*,” *British Library*, <http://www.bl.uk/manuscripts/>.

⁴² British Library, “*Catalogue of Illuminated Manuscripts*,” *British Library*, <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/welcome.htm>.

⁴³ British Library, “*Harley MS 1585*,” *British Library*, http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Harley_MS_1585&index=0

⁴⁴ BnF, “*Manuscripts*,” *Gallica*, <https://gallica.bnf.fr/html/und/manuscripts/manuscripts?mode=desktop>.

⁴⁵ Informações encontradas no *website* da *Gallica*, “*A Propos de Manuscripts*,” <https://gallica.bnf.fr/html/und/manuscripts/manuscripts?mode=desktop>.

Em uma sessão intitulada “*France et Angleterre: manuscrits médiévaux entre 700 et 1200*”⁴⁶, uma parceria entre a BnF e a British Library, os manuscritos estão classificados em ‘temas’, ‘autores’, ‘lugares’ e ‘séculos’, sendo que a primeira opção abre a possibilidade do pesquisador encontrar 92 documentos no tema “ciências”, com obras do *quadrivium*, isto é, aritmética, geometria, astronomia e música; e obras resultantes de “conhecimentos práticos”, como medicina, arquitetura, etc; além de obras enciclopédica, como algumas de Isidoro de Sevilha, que também podem ser úteis às pesquisas de medicina medieval.⁴⁷

Para uma bibliografia mais especializada, por exemplo, no campo da história da medicina medieval, vale ressaltar a excelente biblioteca digital da *Wellcome Library*⁴⁸, cujo acervo é composto de livros e imagens visando a formar um recurso documental que reflita os contextos culturais e históricos da saúde e da medicina. Há cerca de 400 materiais na área do medievo, entre livros, manuscritos, iluminuras e pinturas para consulta online, sendo possível, também, o *download* gratuito.

Por último, ressaltaremos uma biblioteca online e arquivo de manuscritos digitalizados brasileira com obras de medicina medieval disponíveis gratuitamente para livre acesso, sendo de grande importância para muitos pesquisadores. Trata-se da Biblioteca *Cesima Digital*⁴⁹, uma das primeiras bibliotecas online do país, que conta hoje com milhares de obras digitalizadas, formando um grande repositório de documentos essenciais para pesquisas sobre a história da ciência e da tecnologia. Essa base, desenvolvida pelo Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA-PUCSP), contém materiais raros, antigos e, muitas vezes, de exemplar único. Dentre esses, estão manuscritos medievais árabes e latinos, em alta resolução. Vale ressaltar, igualmente, que a Biblioteca *Cesima Digital* também fornece a possibilidade de *download* gratuito de suas obras, com a necessidade apenas de um pequeno cadastro. Além disso, está em expansão para acolher todo o riquíssimo acervo que permanece guardado no próprio CESIMA⁵⁰.

Algumas das obras de medicina medieval disponíveis na base – classificadas por data do documento, autores, títulos, assuntos, idioma, local de publicação, tipo de documento (livro, manuscrito, tese etc.) e editora, quando houver – são um tratado sobre a Peste Negra, de John De Bordeaux, provavelmente da segunda metade do século XIV⁵¹; a obra *Lilium medicine* do médico Bernardus de

⁴⁶ Le programme BnF BL Polonsky, “Le programme France et Angleterre : manuscrits médiévaux entre 700 et 1200,” *France Angleterre 700-1200: Manuscrits Médiévaux*, <https://manuscrits-france-angleterre.org/polonsky/fr/content/le-programme-bnf-bl-polonsky>.

⁴⁷ Le programme BnF BL Polonsky, “Thèmes,” *France Angleterre 700-1200: Manuscrits Médiévaux*, <https://manuscrits-france-angleterre.org/polonsky/fr/content/themes>.

⁴⁸ Wellcome Collection, “Search the collections,” *Wellcome Collection*, <https://wellcomecollection.org/works>.

⁴⁹ Cesima Digital, “Biblioteca Cesima Digital,” *Cesima Digital*, <http://cesimadigital.pucsp.br/>.

⁵⁰ Ana M. Alfonso-Goldfarb, Silvia Waisse, & Márcia H. M. Ferraz, “New Proposals for Organization of Knowledge and their Role in the Development of Databases for History of Science,” *Circumscribere* 21 (2018): 1-12.

⁵¹ Cesima Digital, “Plague,” *Cesima Digital*, <http://cesimadigital.pucsp.br/handle/bcd/234>.

Gordonio, na qual descreve a peste, tuberculose, sarna, epilepsia, antraz e lepra⁵²; ou o *Liber medicinarum* de John Arderne, do século XIV, em que descreve pequenas cirurgias⁵³.

A importância da Biblioteca *Cesima Digital*, no entanto, vai além da disponibilização de materiais essenciais aos estudiosos em História da Ciência. Ela se propõe a estudar a própria organização do conhecimento, os obstáculos da era digital e da classificação de documentos nesse meio. Para isso, mantém diálogo aberto com estudiosos de outras partes do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa, num ciclo de intercâmbios para busca de novidades na área das Humanidades Digitais⁵⁴.

Considerações finais

Este artigo teve o intuito de apresentar algumas dificuldades que a documentação de medicina medieval (manuscritos, tratados, textos, receitas, etc) apresenta ao estudioso que se dispõe a estudá-la. A primeira dificuldade é compreender como os saberes médicos, mágicos, cosmológicos, alquímicos, lapidares, entre muitos outros estavam intrinsecamente correlacionados no medievo, de modo que não é possível pensar a medicina deste período como um campo de conhecimento isolado. A segunda dificuldade se resume a como, então, buscar essa medicina, com seu emaranhado de saberes, nas bases de dados, como arquivos e bibliotecas digitais. Propusemos que o pesquisador ou aluno conheça, primeiramente, os tipos de documentos que podem ser úteis em sua análise para, a partir da aí, ir buscando e compondo seu corpus documental, com as relações inter e extra textuais. Também que sejam levadas em consideração as limitações das catalogações atuais, que não reproduzem as complexidades da história da ciência. Enfim, recomendamos que o pesquisador e o aluno esteja sempre atento às discussões das Humanidades Digitais, que caminham para que novas propostas possam contribuir com os problemas aqui abordados.

Autora

Raíssa Rocha Bombini
rabombini@gmail.com

⁵² Cesima Digital, "Lilium Medicine," *Cesima Digital*, <http://cesimadigital.pucsp.br/handle/bcd/354>.

⁵³ Cesima Digital, "Liber medicinarum and practica de fistula ano," *Cesima Digital*, <http://cesimadigital.pucsp.br/handle/bcd/284>.

⁵⁴ Vide, por exemplo, o Projeto *Research Coordination Network* (RCN), desenvolvido com vários centros ao redor do mundo, entre eles o CESIMA/PUC-SP, disponível em: <https://digitalhps.org/node/184>.